



Autonomia no Processo de Ensino-Aprendizagem de Língua Inglesa

Autor Lucy Lanna Freitas da Guia (1)

Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia do Ceará – Campus Iguatu

lucylanna@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho apresenta uma reflexão sobre uma abordagem de ensino baseada no conceito de autonomia como meio facilitador da aprendizagem da língua inglesa. A pesquisa buscou identificar o impacto positivo que ocorre quando o aprendiz é envolvido no processo de construção do conhecimento e quais os resultados oriundos de uma metodologia significativa e aplicável aos estudantes, respeitando seus limites e, ao mesmo tempo, estimulando-os a construir conhecimento, a partir do exercício de sua autonomia nesse processo. A pesquisa realizada tem uma abordagem qualitativa e assume a característica de pesquisa-ação. Os dados foram analisados por meio da Análise de Conteúdo, conforme Bardin (2011). Os sujeitos envolvidos foram 10 alunas do Ensino Médio. Os resultados apontam que uma abordagem de ensino que envolve o aluno no processo de construção do saber os motiva a pensar, estudar e encarar a língua inglesa de forma mais consciente e receptiva. Conclui-se que mediante uma aula de língua inglesa diferenciada, num contexto real de aplicação, onde os discentes participaram ativamente do processo de planejamento e elaboração da proposta, bem como a execução, gerou muito entusiasmo e uma expectativa positiva. Isso comprova o fato de que os estudantes necessitam vivenciar a língua e se sentirem motivados a procurar outras experiências de forma autônoma. Deste modo, a aquisição do idioma acontecerá de forma espontânea e natural e o interesse pela disciplina de língua inglesa torna-se cada vez mais aguçado, o que contribui para um grande aprendizado.

Palavras-chave: Língua Inglesa, Autonomia, Aprendizagem-Significativa, Processo Ensino-Aprendizagem.

Abstract

This paper presents a reflection on a teaching approach based on the autonomy concept as a facilitator of English language learning. The research sought to identify the positive impact that occurs when the learner is involved in the knowledge construction process and what are the results derived from a meaningful and relevant methodology to the students, respecting their limits and at the same time, encouraging them to build knowledge exercising their autonomy in the process. The research has a qualitative approach and assumes the characteristic of action-research. Data were analyzed using content analysis, according to Bardin (2011). The subjects involved were 10 high school students. The results show that an educational approach that involves the student in the construction process of learning motivates them to think, study and face the English language in a more aware and responsive way. In conclusion, it is noticed that through a differentiated English language class, in a real context of application where students actively participated in the planning process and preparation of the proposal, and the implementation has generated much enthusiasm and positive expectation. This proves the fact that students need to experience the language and feel motivated to seek other experiences autonomously. Thus, the acquisition of language happens spontaneously and naturally and the interest in English discipline is becoming more stimulated, which contributes for a great learning experience.

Key-words: English Language, Autonomy Meaningful Learning, Teaching-Learning Process



Introdução

A necessidade de aprender a língua inglesa tem crescido de forma espantosa nos últimos tempos. Vivemos em um mundo globalizado que exige cada vez mais que o indivíduo esteja capacitado para dialogar com as constantes demandas exigidas não só pelo mercado de trabalho, mas pelas relações comerciais, por um melhor desempenho escolar e até mesmo pelo entretenimento. Faz-se necessário uma boa preparação e qualificação para acompanhar os passos largos neste mundo sem fronteiras no qual estamos inseridos.

Diante do quadro exposto, a escola entra como mediadora de uma tarefa essencial neste processo. É uma tarefa que vai além da simples transmissão de conhecimentos. Envolve um aprimoramento maior na conscientização dos aprendizes da importância e da necessidade do domínio de uma língua estrangeira, especificamente a língua inglesa. A meta principal a ser alcançada é um ensino qualitativo que resultará numa aprendizagem mais expressiva, significativa e, conseqüentemente, mais eficaz para os estudantes, que por sua vez, perceberão o valor prático do que é abordado em sala de aula. Com essa mentalidade os estudantes podem participar de forma ativa e crítica no contexto atual.

Pautado nessa realidade, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Línguas Estrangeiras Modernas para o Ensino Médio (2000) definem que um professor de língua estrangeira deve ter como meta primordial buscar meios, a fim de possibilitar ao aluno atribuir e produzir significados, sendo este o principal objetivo do ato da linguagem. Deste modo, é imprescindível a compreensão para que ocorra a comunicação. Uma vez tendo adquirido esse conhecimento, o estudante poderá aplicá-lo nas diversas facetas de sua vida: no campo pessoal, profissional e acadêmico.

Buscando ofertar um método de aprendizagem significativa, os parâmetros curriculares de línguas estrangeiras projetam uma oferta de ensino que, além de acompanhar a realidade do mundo globalizado em que vivemos, possa estimular a autonomia no processo de aprendizagem por parte dos estudantes. Assim referem os PCN (2000):

O caráter prático do ensino da Língua estrangeira permite a produção de informação e o acesso a ela, o fazer e o buscar autônomos, o diálogo e a partilha com semelhantes e diferentes. Para isso o foco do aprendizado deve centrar-se na função comunicativa por excelência, visando prioritariamente a leitura e compreensão de textos verbais orais e escritos – portanto a comunicação em diferentes situações da vida cotidiana (BRASIL, 2000, p. 94).



O conceito da autonomia no processo de aprendizagem tem sido um tema recorrente nos mais diversos campos de discussão, no que tange à educação e suas práticas inovadoras. Uma vez que os PCN defendem a formação de um aprendiz autônomo e participativo, é indispensável investigar-se o ensino através da reflexão sobre *como ensinar* para que o professor possa direcionar seu aluno rumo a um conhecimento no qual ele mesmo será responsável pelo seu aprendizado.

Segundo os PCN (1998), o professor abandonará o perfil de detentor do poder e do conhecimento e passará a auxiliar o aluno atuando como mediador na construção de saberes, onde o aluno será agente principal nesta construção. “Cada aluno é sujeito de seu processo de aprendizagem enquanto o professor é o mediador na interação dos alunos com os objetos de conhecimento” (BRASIL; 1998:83)

Ainda refletindo sobre os parâmetros curriculares, estes nos sugerem que o êxito na construção de conhecimento ocorre por meio da interação: professor-aluno e alunos - alunos. Ao professor cabe o papel de possibilitar essa dinâmica em sala de aula, pois é por meio desta interação que o aluno estará capacitado a construir, modificar, interpretar e enriquecer significados, isto é, “o processo de aprendizagem compreende também a interação dos alunos entre si, essencial à socialização”.(BRASIL, 1998:93).

Corroborando este pensamento Freire (1997) não define autonomia, todavia, nos leva a concluir que é papel do professor criar possibilidades para que o aluno aproprie-se do contexto e construa seu próprio conhecimento.

Assim sendo, percebe-se que um requisito desafiador instala-se como prioridade no planejamento do professor: definir a metodologia mais adequada com o intuito de que o estudante possa ser autor de seu próprio conhecimento. É neste ponto que ele se depara com duas realidades distintas que dificultam o estímulo do aluno a desenvolver sua autonomia dentro e fora de sala de aula. De um lado há o professor que anseia práticas de ensino eficazes e do outro lado surgem obstáculos tais como: várias turmas diferentes para trabalhar, pouca carga horária e uma grande desmotivação referente à língua inglesa por parte dos estudantes.

De acordo com o pensamento de Paiva (2009), o professor poderá estabelecer o foco de seu ensino levando em consideração uma metodologia que atenda ao anseio da maioria. Cada turma tem um perfil diferenciado, com interesses e anseios variados. É vital que o professor seja bom observador e consiga discernir como pode motivar a maior parte dos alunos com o objetivo de



cativar os demais. É de suma importância ter esse conhecimento personalizado, pois não se pode simplesmente passar por cima dos desejos dos alunos, do modo como o conhecimento, de fato, faz sentido para ele. Assim, refere a autora supracitada:

A língua deve ser ensinada em toda sua complexidade comunicativa, sem restringir seu estudo a uma tecnologia (leitura) ou a aspectos apenas formais(gramática) . A língua deve fazer sentido para o aprendiz em vez de ser apenas um conjunto de estruturas gramaticais. (PAIVA, 2009 p. 32)

Uma vez que o aluno percebe o conhecimento como algo concreto e carregado de significado, ele sente-se motivado a ultrapassar as paredes da sala de aula e identificar o valor prático deste no mundo real, em atividades de uso da língua, seja ao ouvir uma música, ao ver um filme, ao utilizar a internet e, em alguns casos, sentem-se estimulados a fazer amigos virtuais estrangeiros.

Vale salientar a teoria de aprendizagem significativa, de David Ausubel, na qual o processo de aprendizagem no indivíduo ocorre de variadas maneiras, dentre as quais podemos destacar pelo menos duas: a aprendizagem mecânica e a aprendizagem significativa. Ambas partem do conceito de que a excelência do aprendizado depende em muito de um fator crucial: conhecimento prévio. Essa bagagem de conhecimento, baseado em vivências pessoais é de extrema importância para um melhor aproveitamento da mediação que o professor proporciona. É a partir deste conteúdo anterior, que o estudante poderá construir um novo conhecimento, interligando conceitos, vendo assim uma aplicação e relevância do conteúdo, conforme expresso por BRAATHEN (2011). Para esse autor, “o aprendizado mecânico está ligado diretamente à recusa intelectual. Logicamente, a vontade de aprender estará diretamente relacionada ao conhecimento prévio e a relevância da informação”(BRAATHEN, 2011, p. 72).

Com base nos dados expostos, este artigo foi produzido após a realização de uma pesquisa no âmbito da disciplina de Língua Inglesa, durante o primeiro semestre de 2016, no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia, *campus* Iguatu, no Ceará. O trabalho foi realizado com um grupo de alunas do VI Semestre do Ensino Médio Integrado, Nutrição e Dietética, através de atividade extraclasse e aplicação de questionários e relatórios. Os dados e impressões foram coletados a fim de se obter conclusões sobre a relevância e eficiência da teoria da aprendizagem significativa, como meio de estímulo à autonomia do aluno na aquisição de conhecimento.

A realização desta pesquisa justificou-se pelo fato de que, apesar de muitos serem os esforços para que os alunos tenham condições propícias de aprendizagem, ainda assim, ao analisar a



recepção dos mesmos ao estudarem língua inglesa, é notório o questionamento sobre a aplicabilidade a curto e em longo prazo do que é ensinado. Em curto prazo, os alunos de ensino médio têm diante de si a participação em vestibulares. Muitos estudantes, guiados pelo conceito amplamente difundido de que espanhol é mais “fácil”, fazem opção por este e não por aquele idioma. Em longo prazo, a maioria não faz planos para seguir uma carreira profissional que necessite, primariamente, o domínio da língua inglesa. Deste modo, a desmotivação e o desinteresse são elementos constantes na prática escolar atual.

Sendo a autora deste texto professora de Língua Inglesa, pensou-se em desenvolver uma ação didático-pedagógica que pudesse contribuir para influenciar de modo positivo e favorável ao processo de ensino aprendizagem de inglês, tendo como base a aprendizagem significativa. A ação intencionou atrair o discente para os fins didáticos estabelecidos, porém de um modo em que ele, de forma autônoma pudesse perceber o significado e a relevância deste conhecimento adquirido. Em simples termos, a aula precisa fazer sentido para o estudante. Caso contrário, ocorrerá apenas a aprendizagem mecânica, o que é totalmente desinteressante não somente para o professor, como também acarreta prejuízos para o desenvolvimento intelectual do discente.

Foi nesse contexto que foi lançado o projeto *English Investigators*. Ao mesmo tempo em que abordava a Língua Inglesa de um modo “vivo e palpável”, o aluno seria autor de seus próprios questionamentos e conclusões, tendo na figura do professor apenas o instigador de suas buscas e motivador na construção de conhecimento.

Seguindo o critério de adequar o ensino ao perfil das turmas, o projeto foi dividido em várias etapas, independentes entre si, todas, no entanto, buscando responder à mesma indagação: **Por Quê?** Por que o nome deste produto nacional foi escolhido em Inglês e qual a relação do significado do nome com o produto ofertado? Por que aquela loja colocou sua logomarca em Inglês e o que significa? Por que dominar Inglês numa rota turística, por exemplo, tem íntima relação com maior obtenção de lucros ou melhores vagas de empregos? E nesta esfera de questionamentos os estudantes sentiram-se motivados a buscarem as respostas para saciar suas curiosidades, pois estaria sendo despertada a atenção do aluno para o inglês ao seu redor, uma vez que os elementos em questão fazem parte de seu dia a dia e, neste caso, haveria total relevância o esclarecimento destes porquês.

Embora o professor não seja o único responsável pela aprendizagem do aluno, ele pode desenvolver ações que o ajudem a ser mais autônomo. De fato, novas experiências com a língua em



situações reais de uso, ajudam a criar um ambiente emocional positivo de predisposição ao aprendizado efetivo. Reforçando esse conceito de autonomia de aprendizagem, Paiva (2009) defende que “as horas na sala de aula precisam ser usadas de forma a despertar no aprendiz o desejo de ultrapassar os limites de tempo e espaço da sala de aula, em busca de novas experiências com a língua” (p. 35)

Acreditando na eficácia que a autonomia na construção de conhecimento tem sobre o aprendiz, foi executado com o grupo de alunas em questão, uma das nuances do projeto didático-pedagógico já mencionado, que após sua culminância, gerou a escrita deste texto. A pesquisa realizada para tal fim teve como pontos norteadores aspectos tais como: quais os métodos mais eficazes para se aprender a Língua Inglesa sob a ótica do aprendiz; Que fatores psicológicos motivam o aprendizado de Língua Inglesa; Qual a relação existente entre teoria e prática do ensino/aprendizagem da Língua Inglesa; Que impacto a aula em ambiente externo à sala de aula gerou na aquisição de conhecimento, dentre outros fatores. Desse modo, o objetivo delineado para a referida pesquisa foi identificar até que ponto, iniciativas que induzem os aprendizes a serem autônomos, ajudam a estimular maior interesse no aprendizado de uma Língua Estrangeira.

Metodologia

Esta pesquisa foi realizada em Julho do ano de 2016, na cidade de Iguatu-CE, no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) com alunas do VI Semestre do Ensino Médio Integrado, Nutrição e Dietética. Caracterizando-se como Pesquisa-Ação, com uma abordagem qualitativa, á luz do conceito de Minayo (2007), quando afirma que a pesquisa qualitativa é uma forma adequada para o conhecimento da natureza de um fenômeno social, visto que o pesquisador coleta os dados na realidade da pesquisa, seguidos de análise. É capaz de incorporar o significado e a intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas, tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas.

Sobre a pesquisa-ação Tripp (2005, p.447), afirma que esta “é uma forma de investigação - ação que utiliza técnicas de pesquisas consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática”. Para este autor uma marca desse tipo de pesquisa é sua natureza cíclica e em cada fase ou ciclo, faz-se necessária uma reflexão contínua sobre os eventos ocorridos no processo.



O instrumento utilizado para a coleta de dados foi o questionário com perguntas abertas e fechadas. Foram entrevistadas 10 alunas do Ensino Médio, todas do sexo feminino. Todas as alunas tinham idade média entre 16 e 17 anos.

Os resultados foram analisados por meio da técnica de Análise de Conteúdo que, conforme Bardin (2011), a qual é composta por três etapas: a pré-análise como primeira etapa, com foco na organização dos dados obtidos; a exploração do material como segunda etapa, voltada para a operacionalização dos dados, seguido pelo tratamento dos dados obtidos como terceira e última etapa.

Usando como fio condutor a aplicação do incentivo a uma aprendizagem autônoma, foi tomada por base a execução da fase do projeto onde o grupo de alunas fez o deslocamento de Iguatu até uma região com grande incidência de público turístico, na cidade de Fortaleza. Com o devido preparo antecipado, as estudantes, sob a devida orientação, foram estimuladas a pensar além dos diálogos prontos presentes nos livros didáticos. Foram incentivadas a meditar como poderiam elaborar uma entrevista na língua inglesa a fim de ser aplicada com estrangeiros presentes na nossa rota de execução do projeto, a saber, na orla marítima de Fortaleza.

Esse trabalho em equipe, e sob a devida coordenação da professora da disciplina, gerou excelentes resultados na produção do questionário de entrevistas, pois respeitou a base que já tinham sobre determinadas estruturas de sentenças e tempos verbais e permitiu que, de forma espontânea, surgisse a busca por novos vocabulários, tornando assim a tarefa real e significativa. Essa postura de colaboração mútua confirma o fato de que ao mudar as relações de poder, por envolvê-los nas decisões e fazendo-os perceber que são parte essencial do processo, o professor estará não somente ensinando uma determinada língua mas “educando-os para uma participação na sociedade mais democrática e colaborativa” (PAIVA, 2009, p. 36).

Com os diálogos prontos, seguiu-se a fase de prática de pronúncia, para obter-se o melhor nível possível de fluência e naturalidade. Após esta fase de preparação, seguiu-se a execução, onde cada aluna, dentro de suas limitações linguísticas e, utilizando-se de seu conhecimento prévio da língua, teve oportunidade de interagir numa situação real com um falante da língua inglesa, permitindo fluir, desta forma, um sentimento de realização e confiança por terem sido construtores e executores de uma atividade em um idioma diferente de sua língua materna.



Resultados e discussão

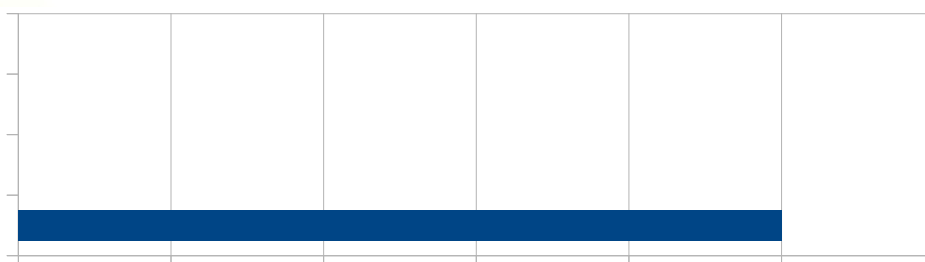
Com a aplicação do questionário procurou-se verificar alguns aspectos que pudessem ressaltar a importância e eficiência do uso de uma abordagem mais autônoma por parte do aprendiz e avaliar estes resultados segundo fundamentação teórica previamente investigada.

Fez-se questão de que as alunas procurassem justificar suas respostas, a fim de que as mesmas parassem para refletir em seu próprio progresso e envolvimento com a execução do projeto. Além disso, as alunas tiveram oportunidade de fazer uma avaliação qualitativa da aula de Inglês num contexto real.

O questionário continha 10 perguntas, porém, neste trabalho foram analisadas as questões que remetiam as estudantes a fazer uma reflexão sobre a importância do aprendizado da Língua Inglesa de uma forma mais autônoma e significativa para elas, levando em consideração os fatores psicológicos que motivam tal aprendizado e o impacto que há na relação teoria e prática por parte do aluno.

Primeiramente, a pergunta 01 buscou saber se era importante o domínio/aprendizado de uma língua estrangeira. A totalidade das entrevistadas foi unânime em concordar. Dentre as razões citadas, destaca-se a necessidade, devido à grande presença do Inglês, especificamente, nas tecnologias, exigência no mercado de trabalho, dentre outras possibilidades. Podemos observar os resultados no gráfico abaixo.

Gráfico 1 – Importância do domínio/aprendizado de uma língua estrangeira.



Fonte: Autoria Própria

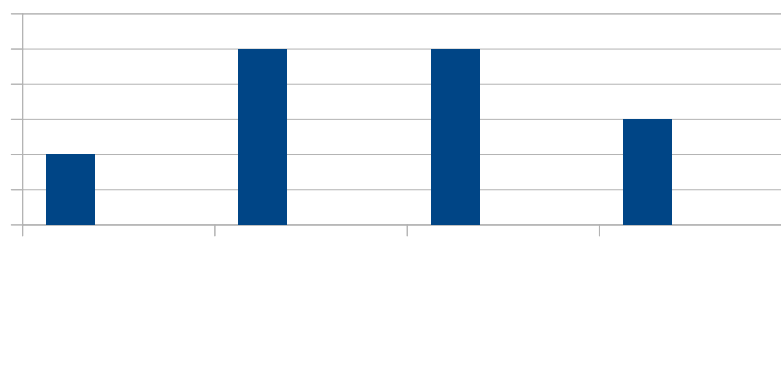
Foi investigado através da pergunta 04, no ponto de vista delas, quais os fatores psicológicos que motivam um melhor aproveitamento no estudo da Língua Inglesa. O estudo dos dados apresentados aponta que 8 das 10 entrevistadas consideram essencial interessar-se pelo idioma para



melhor aprender. Esse interesse pode ser estimulado através de aulas dinâmicas e diferenciadas, onde o professor será uma figura importante nesse cultivo de interesse do aluno, destacam as alunas. Das 10 alunas entrevistadas apenas 2 mencionaram sentir-se motivadas a estudar a língua movidas pela necessidade diária que inclui perspectiva de emprego e vestibulares.

Depois de realizada a experiência de levar as alunas para vivenciarem um contato real com falantes nativos, colheu-se um *feedback* de como foi a avaliação delas da relevância desse momento para seu aprendizado. De acordo com o gráfico abaixo, podemos perceber que, quando perguntadas sobre os aspectos positivos que puderam colher desta experiência, a maioria sentiu-se motivada a aprofundar seus conhecimentos em língua inglesa. Além disso, com base nos conceitos de uma aprendizagem autônoma, vivenciar o Inglês desta forma é mais concreto e significativo, pois as permitiu utilizar conhecimentos adquiridos para obter êxito. Em termos de números temos o exposto no gráfico 2:

Gráfico 2 – Relevância da atividade



Fonte: Autoria própria



Quando perguntadas se, durante a execução desta atividade, puderam perceber a relação entre a teoria e a prática do ensino e aprendizagem de Língua Inglesa, as alunas puderam expor como esta iniciativa ampliou seus conceitos sobre aprender Inglês. As respostas evidenciaram o êxito ao incentivá-las a buscar uma forma mais autônoma nesse aprendizado. Foi interessante perceber a conscientização que houve por parte das discentes quando um ponto em destaque em suas respostas é o quanto foi singular a experiência de ter um contato real na comunicação. Outro aspecto que merece atenção foi que elas puderam perceber que não está longe da realidade de cada uma delas de serem capazes de utilizar o Inglês no cotidiano, tornando-se fluentes na língua, conforme se evidencia nas falas das alunas: *“Essa experiência possibilitou na prática colocar os conhecimentos adquiridos em sala de aula e a ter uma experiência real ao tentar comunicar-se com os estrangeiros.”* (Rafaela Lima, 17 anos), *“ Percebi que é possível um diálogo básico com um falante da língua Inglesa. Essa vivência aumentou ainda mais meu interesse pelo aprendizado de língua Inglesa”* (Ilis Nogueira, 17 anos)

Conclusão

Tomando por base os resultados obtidos diante desta análise, foi possível constatar que, de fato, uma abordagem de ensino que envolve o aluno no processo de construção do saber os motiva a pensar, estudar e encarar a Língua Inglesa de forma mais consciente e receptiva.

Um ensino de Inglês inovador parte, primariamente, de uma reformulação dos planos de ensino, que na maioria das vezes, são direcionados a itens gramaticais e, na melhor das hipóteses, interpretações textuais com temática atual. Sendo assim, é necessário que o professor tenha interesse em ofertar um ensino significativo a fim de que possa sentir-se inclinado a estimular os discentes na direção correta, caminho este que os levará a formular seu saber e terá, diante de si, claramente definida a aplicação do que lhe é apresentado.

A atividade realizada com as alunas evidenciou que uma aula de língua inglesa diferenciada, num contexto real de aplicação, onde elas participaram ativamente do processo de planejamento e elaboração da proposta, bem como a execução, gerou muito entusiasmo e uma expectativa positiva. O resultado satisfatório possibilitou uma atmosfera de confiança, segurança e desejo de expandir o conhecimento para obter cada vez mais habilidade no domínio da língua.

Os estudantes necessitam, portanto, vivenciar a língua e se sentirem motivados a procurar outras experiências de forma autônoma. Deste modo a aquisição do idioma acontecerá de modo



espontâneo e natural e o interesse pela disciplina de língua inglesa é cada vez mais aguçado, o que contribui para um grande aprendizado.

Referências bibliográficas

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011

BRAATHEN, Per Christian. **Curso de Aprendizagem Significativa**. Viçosa, MG: CPT 2011.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura/MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura/MEC, 2000.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/secretaria de educação fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento**: Pesquisa Qualitativa em Saúde. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2006

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. O ensino da língua estrangeira e a questão da autonomia. In: LIMA, Diógenes Cândido de. (Org) **Ensino Aprendizagem de Língua Inglesa: conversa com especialistas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. (Pag. 31-38)

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n.3, p. 443-446, set/dez, 2005. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf> Acesso: agosto de 2016.